

Os imigrantes e a Rua dos Caetés: possíveis permanências do processo imigratório dos povos árabes para Belo Horizonte

The immigrants and the Caetes Street: possible permanency of the immigration process of the arab peoples for Belo Horizonte

Bruno Leandro Anastacio Virgino¹

RESUMO

A história de Belo Horizonte possui marcas que foram deixadas pelos imigrantes que aqui se estabeleceram no início do século XX, entre eles sírios, libaneses e judeus. Atualmente existe na cidade nomes que tiveram origem na época em que os imigrantes “orientais” chegaram aqui. A partir daí discorreremos sobre algumas nomenclaturas que pudessem indicar alguma ligação entre as gerações de descendentes de árabes e judeus na Rua dos Caetés entre o início da Praça da Estação e Avenida Afonso Pena. Neste trajeto pesquisamos os números 325, 633, 530, 461, 265, pertencentes respectivamente à Casa Salles, MAK Hotel, Edifício Cartacho, Edifício Balbeck e Motel Shallon, dando enfoque na presença da língua estrangeira e na possível utilização do fato histórico, “a vinda dos ‘turcos’ para Belo Horizonte”, no início do século XX, por comerciantes, no sentido de resignificação da Rua dos Caetés, a antiga Rua dos Turcos, valorizando as mudanças e permanências da consolidação da rua como comércio de imigrantes na cidade. A pesquisa não resultou no objetivo esperado que consistia em analisar nomes de lojas provenientes da herança cultural de árabes e judeus na região. Existem permanências, mas que só podem ser percebidas por pesquisas mais “burocráticas” da região, por exemplo pelo sobrenome dos donos dos edifícios. Talvez diferentemente de italianos, alemães, portugueses, entre outros imigrantes, que enaltecem suas origens por meio do comércio, os imigrantes árabes e judeus preferiram se adequar ao comércio local sem mencionar sua origem aos clientes. Se tal prática ocorreu em outrora, hoje predomina a ruptura desse fato.

Palavras-chave: Permanência Toponímica. Rua dos Caetés. Identidade. Rua dos Turcos.

ABSTRACT

The history of Belo Horizonte has marks that were left by the immigrants who settled here in the early twentieth century, among them Syrians, Lebanese and Jews. There are currently names in the city that originated at the time the eastern immigrants arrived here. From there we discuss some nomenclatures that could indicate some connection between the generations of descendants of Arabs and Jews in Caetés street between the beginning of the Station Square and Afonso Pena Avenue. On this route we look for the numbers 325, 633, 530, 461, 265, belonging respectively to Salles House, MAK Hotel, Cartacho Building, Balbeck Building and Motel Shallon, focusing on the presence of the foreign language and the possible use of historical fact, “the coming from the ‘Turks’ to Belo Horizonte at the beginning of the twentieth century”, by merchants, in the sense of redefining the Caetés Street, the former “Turks street”, valuing the changes and permanency of the consolidation of the street as a trade of immigrants in the city. The research did not result in the expected goal of analyzing store names from the cultural heritage of Arabs and Jews in the region. There are permanency, but they can only be perceived by more "bureaucratic" searches of the region, for example by the surname of the owners of the buildings. Perhaps

¹ Graduando em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

unlike Italians, Germans, Portuguese, among other immigrants, who extol their origins through trade, Arab and Jewish immigrants preferred to adjust to local commerce without mentioning their origin to customers. If this practice occurred in the past, today the rupture of this fact prevails.

Keywords: Toponymic permanency. Caetés Street. Identity. Turks' Street.

1 INTRODUÇÃO

Consideramos a vinda dos imigrantes, no início do século XX para Belo Horizonte como um importante marco histórico da cidade, haja vista que nesse processo a multiplicidade cultural, política e econômica da cidade foi bastante enriquecida. Contudo este tema também pode tornar-se perigoso, no sentido de reforçar preconceitos e estigmas que historicamente acompanham determinados grupos. Com efeito, afastamo-nos das visões romantizadas que enaltecem determinados povos, ou do olhar irracional presente nas discussões que acercam rivalidades entre etnias, primamos por um olhar científico em relação ao nosso objeto de estudo. Identificar a presença de permanências deste processo no que hoje entendemos como a identidade do belorizontino é o nosso foco. Tendo em vista esse objetivo, procuramos lojas, monumentos, entre outros lugares da Rua dos Caetés que nos remeta à história de Belo Horizonte, contada a partir da referência à antiga “Rua dos Turcos”, localidade que é importante no que tange a chegada de imigrantes à cidade.

Ao tratarmos da história deste emblemático ponto geográfico, hoje oficializado como Rua dos Caetés, mas que em outrora era chamada de Rua dos Turcos, é pertinente entendermos se existem, atualmente, nomes que fazem referência à época em que os imigrantes “orientais” aqui chegaram. A partir daí discorreremos sobre algumas nomenclaturas presentes na distância percorrida em nossa pesquisa de campo: da Praça da Estação até a Avenida Afonso Pena, que era o final do bonde que vinha do Horto, com foco na presença da língua estrangeira e na possível utilização do fato histórico, “a vinda dos ‘turcos’ para Belo Horizonte no início do século XX”, por comerciantes, no sentido de ressignificação da Rua dos Caetés, a antiga Rua dos Turcos, valorizando as mudanças e permanências da consolidação da rua como comércio de imigrantes na cidade.

Não obstante, faremos análises fundamentadas em teorias de pesquisadores que nos proporcionaram, com riquezas de detalhes, estudos de excelente metodologia na

apresentação desta temática. Destarte analisaremos o artigo “Sírios, libaneses e judeus – paradoxo entre o grupo e a nação: participação e restrição em Belo Horizonte nos anos 1930 e 1940” de Júlia Calvo, Pesquisadora do Instituto Histórico Israelita Mineiro (IHIM). Doutora em Ciências Sociais, Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), pesquisadora do Instituto Histórico Israelita Mineiro; e Pedro Henrique da Silva Carvalho, Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas); que apresentaram em seu artigo as marcas deixadas na cidade de Belo Horizonte pelos imigrantes sírios, libaneses e judeus. Assim como, para uma melhor compreensão do nosso objeto de estudo, recorreremos a outra pesquisa de Julia Calvo, “Belo Horizonte das primeiras décadas do século XX: entre a cidade da imaginação à cidade das múltiplas realidades” e ao livro do também Doutor em Ciências Sociais pela PUC Minas, Marcelo Cedro “JK Desperta BH (1940-1945)”. Conjuntamente, o trabalho de Emanoela Cristina Lima - Doutoranda e mestre em Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Minas Gerais – “Nomes de possível origem africana na toponímia de minas gerais: pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa toponímica” - nos ajudará a compreender o conceito de toponímia. Outrossim buscaremos dados na tese de mestrado “Patrimônio cultural e revitalização urbana: Usos, apropriações e representações da Rua dos Caetés” de Corina Maria Rodrigues Moreira, Cientista Social da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN em MG, no tocante à busca de dados que envolvem à história da Rua dos Caetés e sua importância econômica, social e cultural para Belo Horizonte.

Adiantamos que é possível perceber, sob um olhar descompromissado, que as permanências referentes ao uso do fato histórico – a vinda dos imigrantes árabes e judeus estabelecidos na antiga rua dos turcos – pelos comerciantes no cotidiano, são imperceptíveis. A cultura dos imigrantes estudados por nós neste artigo só ganha visibilidade por meio de uma pesquisa minuciosa focada no objetivo de encontrar a presença árabe e judaica na região, por exemplo, pela análise da Planta Básica Tributária e Cadastral, da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. No documento se percebe, como afirma Moreira (2008, p. 50), uma grande quantidade de edificações da Rua dos Caetés de propriedade de imigrantes ou descendentes destas nacionalidades. Atualmente, os nomes das lojas seguem a “tendência” de outras regiões comerciais da cidade, por conseguinte, as práticas publicitárias também são muito similares. O fato

histórico que tomamos como objeto de estudo não é explorado pelos comerciantes em contato com o grande público. Prioriza-se convencer o consumidor pelo apelo ao preço e quantidade.

2 À PROCURA DE PERMANÊNCIAS E RUPTURAS

Nosso foco é encontrar permanências e rupturas que possivelmente nos permitam ressignificar a Rua dos Caetés. Com efeito, é importante sabermos características gerais da cidade de Belo Horizonte, entre elas a presença do discurso de modernidade que se fazia corrente nos vários âmbitos intelectuais da época. Tal característica não se restringia apenas a Belo Horizonte, não obstante as cidades de Rio de Janeiro, Salvador, Buenos Aires, entre outras, carregam consigo o que Calvo define como “paradoxos que compõem o universo das cidades modernas e busca-se, no ordenamento do espaço, a constituição de uma estrutura e de um funcionamento eficiente” (CALVO, 2013, p. 71).

Além da idealização de construção de uma cidade moderna, outro elemento que se fazia necessário para os governantes do período em questão foi a consolidação da República. Apesar deste anseio, as deliberações tomadas para por em prática esta proposta ocasionou o que Calvo aponta como sendo uma “continuidade na mudança” (CALVO, 2013, p. 76). Nesse sentido, a autora complementa que Minas construiu sua identidade republicana com base na sua tradição, o oposto de algumas repúblicas europeias que promoveu uma nova ordem política. Para isso, buscou-se na figura dos incofidentes um elo com o passado, por conseguinte, “a capital significou uma justaposição entre tradição e futuro, novo e velho, moderno e antigo, justificando e glorificando a República como transformação” (MELLO *apud* CALVO, 2013, p. 76).

Cabe ressaltarmos que falar em modernidade exige um grande cuidado no que se refere à generalização do termo. Mais correto seria apontarmos o conceito de “modernidades”. Segundo Cedro:

Vários são os requisitos que caracterizam a época moderna, entre os quais: a formação dos Estados nacionais, o advento do capitalismo, a divisão do trabalho, a transformação de produtos em mercadorias, o trabalho assalariado, a luta de classes, a racionalidade, a laicização, o individualismo, a burocracia, a emergência da burguesia etc. (CEDRO, 2009, p. 36).

Juscelino Kubitschek assumiu a prefeitura de Belo Horizonte em 1940. Sua postura como prefeito não era distante das inclinações políticas de Getúlio Vargas que apontava a gestão anterior a do Estado Novo como “atrasada e doentia” (CEDRO, 2009, p. 46). Ainda hoje é comum vermos a utilização do termo “prefeito furacão” quando se refere a Juscelino Kubitschek. Tal fama foi conquistada por meio de empreendimentos arrojados que buscava “inserir Belo Horizonte no rol das cidades modernas” (CEDRO, 2009, p. 46).

A partir daí podemos entender melhor o contexto que os imigrantes sírios encontraram ao chegarem a Belo Horizonte, uma cidade que ansejava pelo “novo”, que buscava o reconhecimento como cidade moderna, que almejava um *status* emparelhado ao de outras grandes cidades, etc. Tais elementos pode dar a entender que havia em Belo Horizonte muitas oportunidades para os imigrantes que aqui se estabelecerem e, sendo assim, muitos podem ter alcançado lugar de destaque na sociedade e deixado marcas que podem ser vistas por nós nos dias de hoje, uma vez que toda essa efervescência econômica e cultural, favoreceu àqueles que se dispunham (e que possuíam meios para investir) a empreender em comércios pela capital e indústrias pela região. Neste momento foi criada a Cidade Industrial em Contagem no ano de 1941. Por outro lado, a Rua dos Caetés se tornou emblemática, no tocante ao setor do comércio, no sentido de propiciar oportunidades aos vendedores e até hoje é referência como ponto comercial de Belo Horizonte.

Com efeito, nossa hipótese parte da premissa de que existam permanências no que se refere aos nomes neste ponto geográfico da Cidade, o que na prática, resultou em uma visita de campo com o objetivo de encontrarmos nomenclaturas que nos remetessem à cultura árabe e judaica. Optamos em fazer uma pesquisa mais empírica para termos justamente a dimensão mais evidente do uso do fato histórico como um elemento de fortalecimento da identidade dos descendentes destes imigrantes na Cidade. Em outras palavras buscamos por meio da Toponímia encontrar rupturas e permanências na região.

A Toponímia é a disciplina que tem como objeto de análise os nomes dos lugares, o que a coloca em destaque como ciência humana de grande importância, pois, por meio do estudo dos nomes é possível identificar muitos aspectos de determinadas culturas, entre eles fatores histórico-culturais. Ademais, segundo Lima "a Toponímia possibilita o reconhecimento de fatos linguísticos, ideologias e crenças do ato

denominativo, uma vez que investigar os nomes dos locais compreende também a análise da cultura em que vive" (LIMA, 2011, p. 2075). A partir daí buscamos por indícios da presença linguística de sírios, libaneses e judeus presentes na atual Rua dos Caetés, por meio de pesquisa de campo, observando possíveis placas, monumentos com referências estrangeiras; e entrevistando os comerciantes da Rua. Os dados obtidos serão expostos na sequência.

Cabe ressaltarmos que nosso objetivo é a ressignificação da Rua dos Caetés, buscando valorizar as mudanças e permanências da consolidação da rua como comércio de imigrantes na cidade e a importância da Toponímia vai ao encontro dos nossos anseios, pois

A toponímia, disciplina que se dedica ao estudo dos nomes de lugares, revela-se de grande importância para o conhecimento de aspectos histórico-culturais de um povo, pois possibilita o reconhecimento de fatos linguísticos, ideologias e crenças do ato denominativo, uma vez que investigar os nomes dos locais compreende também a análise da cultura e da relação do homem com o meio em que vive. (LIMA, 2011, p. 2075).

No artigo “Sírios, libaneses e judeus – paradoxo entre o grupo e a nação: participação e restrição em Belo Horizonte nos anos 1930 e 1940”, os autores fazem referência às marcas deixadas na cidade de Belo Horizonte pelos imigrantes das primeiras décadas do século XX. Ambos os grupos promoveram, à época de suas instalações na cidade, uma particularidade cosmopolitana à Belo Horizonte. Foi marcante o envolvimento dos “turcos” com o comércio, sendo que os “turcos” era uma generalização dos imigrantes originários do Oriente:

[...] assim eram chamados os principais grupos migratórios originários do Oriente Médio, foram conhecidos e reconhecidos como um grupo dentro da cidade e, assim como em outras grandes cidades do país, estabeleceram uma participação importante no comércio que lhes garantiram destaque na memória coletiva, ao nominar a rua comercial principal das grandes metrópoles. (CALVO; CARVALHO, 2016, p. 197).

Nossa pesquisa parte da premissa de que existem permanências importantes referentes aos nomes de lugares da região. Tal hipótese foi levantada por causa da maneira como se fixaram os “turcos” aqui em Belo Horizonte. Com o fim do Império Turco Otomano, muitos jovens viram na América uma atrativa oportunidade de fugirem do serviço militar, haja vista que a dissolução do Império Otomano estava no contexto da Primeira Grande Guerra e as exigências militares para o cidadão do Império Turco

eram muito intensas. Ademais, os investimentos feitos no período do Estado Novo em Belo Horizonte pelo prefeito JK - com o apoio da política getulista que incentivava a modernidade em oposição ao governo “atrasado” que antecedeu sua gestão – favorecia os imigrantes que aqui se estabelecessem.

Ao chegarem ao Brasil muitas eram as dificuldades em se adaptarem. A língua e a falta de instrução compunham alguns dos desafios, uma vez que a maior parte dos imigrantes atuava como camponeses em terras natal. Tais condições os direcionaram para atividades comerciais, por conseguinte, descarta-se a ideia, presente no senso comum, do inatismo dos povos árabes ao comércio. “A opção por seguir no ramo do comércio surge da necessidade que o contexto lhes impõe” (CALVO; CARVALHO, 2016, p. 203).

É interessante termos em mente o desfecho da imigração dos que aqui vieram, “Grande parte dos que por aqui ficaram ascenderam socialmente, ganharam a vida e se integraram à sociedade local. Em muitos casos, tornaram-se empresários, com grandes lojas de atacado e varejo” (CALVO; CARVALHO, 2016, p. 203). Não obstante, outros foram mais adiante e investiram no estabelecimento de indústria têxtil ou de confecções. Tal análise vai de, alguma maneira, ao encontro do que Calvo e Carvalho apresentaram em seu artigo, o conceito de “redes sociais” proposto por Elaine Vilela.

De acordo com Vilela, o conceito de “redes sociais” propicia, por parte das gerações predecessoras, bases para a instalação de novos imigrantes, por meio de um acolhimento que possibilite experiências menos traumáticas aos recém-imigrados. Não obstante o conceito de “redes sociais” abrange outras formas de possibilitar meios de ascendência social aos membros da comunidade:

Além de conquistar o sucesso econômico, sírios e libaneses almejavam status social, fazer parte do conjunto dos nomes das grandes famílias brasileiras. Todavia, para isso, em suas visões, precisavam ter filhos “doutores”. Tratava-se do instrumento-chave para a ascensão social da família. Eles desejavam que seus filhos estudassem e se tornassem “autoridades”, como observado na fala de muitos entrevistados. (VILELA apud CALVO; CARVALHO, 2016, p. 204).

A partir daí se faz pertinente nossa pesquisa. A presença tão marcante de povos imigrantes na cidade, no sentido de terem se tornado atores de grande relevância social e no comércio local, pode deixar resquícios em nomes de prédios, lojas, praças, entre outros lugares, como fato que fortaleça a identidade local, principalmente se tratando de

estratégia de mercado. A percepção de tais fatos nos possibilita ressignificar a Rua dos Caetés, a antiga Rua dos Turcos, valorizando as mudanças e permanências da consolidação da rua como comércio de imigrantes na cidade.

3 PERMANÊNCIA “ORIENTAL” NA RUA DOS CAETÉS

Com o advento de novas culturas, por variados motivos, em qualquer grupo social, cria-se uma diversidade muito importante que acaba refletindo na identidade coletiva, deixando marcas em vários aspectos de uma cidade, neste caso Belo Horizonte. A observação da Rua dos Caetés teve como propósito identificar a presença de nomes estrangeiros nos lugares pesquisados, a partir daí nos chocamos com o primeiro desafio, definir o que é nome estrangeiro, em um país que teve sua população formada por imigrantes. Não estamos dispostos a buscar um essencialismo no que tange a “verdadeira família brasileira”, até porque isso é uma coisa impossível. Entretanto, é comum que nomenclaturas de difícil pronunciamento, ou com grafia próxima da gramática de outros países indiquem a presença de imigrantes, na região.

Sendo assim nosso primeiro olhar se voltou para o número 325 da Rua dos Caetés “Casa Salles”, o duplo “L” do nome poderia indicar algo no sentido de nossa pesquisa, mas o estabelecimento, que destaca a data de fundação na fachada, 1881, teve sua origem em Ouro Preto por imigrantes portugueses. Apesar de “tradicional”, a Casa Salles não tem relação direta com os imigrantes sírios, libaneses e judeus tratados neste trabalho. Em seguida observamos o número 633, onde está estabelecido o “MAK Hotel”. O nome de um estabelecimento pode ser compartilhado entre outras empresas no mundo como “nome fantasia”.

Em busca de sites na internet, vimos muitos hotéis denominados por “MAK Hotel”, contudo não existem informações suficientes sobre o estabelecimento. Em conversa, por meio de ligação telefônica para o local, o atendente disse que “o hotel continua administrado da mesma maneira quando se chamava Embassy – antigo nome do estabelecimento – apenas o nome fantasia que foi alterado”. Talvez tenha sido uma estratégia para fugir das críticas relacionadas ao mau atendimento registradas na internet pelos clientes. Cabe-nos ressaltar o fato de que o símbolo na fachada, a Estrela de Davi, indica um apelo à um sentido de pertencimento étnico, judaico, porém sem a profundidade lançada almejada pela nossa hipótese. Ademais, despertou-nos a curiosidade

o edifício Cartacho, com data de abertura no ano de 1984 e a princípio sem relação com os imigrantes, e o edifício Baalbeck, idem. Por fim, destacamos o Motel Shallon, nome adaptado da saudação judaica “Shalom”, aberto em 1986, mas que não indicam elementos específicos da cultura judaica. Em tabela, os dados coletados foram os seguintes:

Tabela 1 – Nomes “estrangeiros” de edifícios e lojas da Rua dos Caetés

Número	Nome	Ramo de atuação	Inauguração	Observações
325	Casa Salles	Cutelaria, Caça e Pesca	1894	Data de fundação na fachada
633	MAK Hotel	Hotelaria	2018	“Estrela de Davi” na fachada
530	Edifício Cartacho	Condomínios prediais	1984	---
461	Edifício Balbeck	Condomínios prediais	2004	---
265	Motel Shallon	Hotelaria	1986	Uso de termo judaico

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de observações em campo, em 28 de março de 2018.

Pesquisamos os nomes de lugares (lojas, monumentos, entre outros) para identificar o uso do fato histórico (“a vinda dos ‘turcos’ para Belo Horizonte”) pela sociedade e principalmente pelo comércio, como uma forma de reafirmação da identidade do belohorizontino. Todavia, tal hipótese, a princípio pode ser descartada. Os nomes das lojas seguem estritamente o padrão de outros pontos comerciais do hipercentro, a estratégia mercadológica não apela a sentimentos de pertencimento ou identidade local. O que salta aos olhos é a indicação de “preços baixos” nas propagandas, acompanhada de muitos produtos importados da China, algo bem comum neste início de século, que pouco faz referência ao comércio de outros tempos. Tal fato evidencia um contraste muito grande em relação à toda estrutura arquitetônica da Rua dos Caetés, um verdadeiro museu ao ar livre, inclusive com investimentos da prefeitura de Belo Horizonte. Segundo o jornal “Estado de Minas”, em Agosto de 2004 a Rua passou por uma reforma, com obras na pavimentação, calçadas, iluminação, etc. Com um investimento de R\$ 1,9 milhão. (RUA..., 2012).

O legado dos imigrantes ainda se faz presente, como, por exemplo, na Casa Michel:

Hoje, os pontos de vendas montados pelos estrangeiros são administrados por seus descendentes, como ocorre na Casa Michel, que pertenceu a um libanês e foi comprada em 1950 pelo comerciante Milton Abras, da mesma ascendência. Atualmente, o empreendimento, que vende roupas masculinas e femininas, é conduzido por Rodrigo Abras, filho do ex-proprietário. (RUA ..., 2012, S/P).

Mas não existem lugares que dão destaque aos nomes de origem “turca” ou judaica, não há lojas “temáticas” com o objetivo de ressaltar a tradição do estabelecimento ou a alegação de um mito fundador heróico, não há cores ou mesmo a presença da bandeira das respectivas nacionalidades nas fachadas, o que não é difícil de encontrarmos em outros lugares, pois o mito fundador tem a função de comover clientes e funcionários e podem gerar uma fidelização à “marca”. E se nos ativermos à história dos imigrantes sírios, libaneses e judeus, assim como apresenta Moreira (2008), podemos imaginar que existem fatos que poderiam corroborar uma construção histórico-cultural mais voltada à vinda desses imigrantes:

Com um comércio identificado a um caráter mais especializado, destinado a vários segmentos sociais, esta rua afirmou-se, nos anos 1920, como lugar do comércio de armarinhos e fazendas, tendo sido ocupada principalmente pelos imigrantes “turcos” (sírio-libaneses, judeus e árabes) que marcaram seu cenário cultural e socioeconômico ao longo do tempo. (MOREIRA, 2008, p. 50).

A autora, em nota de rodapé (45), ainda nos indica que, pela análise da Planta Básica Tributária e Cadastral, da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, existe grande quantidade de edificações da Rua dos Caetés de propriedade de imigrantes ou descendentes destas nacionalidades, “o que pode ser percebido pelos seus nomes e sobrenomes, como Nacifi, Couri, Khalil, Farah, Abras, Nasser, Mohamed, Alayeli, Kuperman, Fakhouri, dentre outros.” (MOREIRA, 2008, p. 50).

A utilização do fato histórico que diz respeito à presença desses povos em Belo Horizonte como parte característica da identidade da região é que é ignorada. Ressaltamos que o atual prefeito de Belo Horizonte tem um sobrenome de origem “turca”, mas em campanha para o cargo de prefeito, pouco (ou nunca) se falou de algum projeto de revitalização da Rua Caetés no sentido de resgatar a história da vinda dos imigrantes árabes e judeus para cá. Percebemos que, por exemplo, a comunidade italiana tem mais reconhecimento no que se refere à imigração em Belo Horizonte, promovendo encontros, exposições de arte e celebrando datas que envolvem o país de

origem. É possível encontrarmos lojas, restaurantes e até montadoras de veículos na Grande Belo Horizonte que fazem grandes esforços em exibirem sua nacionalidade.

Não cabe, nos limites deste trabalho, buscar entender o porquê dessa omissão em relação aos imigrantes “turcos”, mas podemos indagar e projetarmos uma pesquisa para o futuro. Nesse sentido, o eurocentrismo seria uma causa? A política de Vargas pode ter influenciado nesse tipo de omissão do passado árabe e judaico da Rua dos Caetés e concomitantemente de Belo Horizonte? Se considerarmos as medidas repressivas, no que se refere ao combate aos estrangeirismos na era Vargas, encontrar resquícios de cultura imigrante (sírios, libanes e judeus) na Rua dos Caetés nos dias de hoje pode assumir significados que mereçam ser destacados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, discorreremos sobre as nomenclaturas presentes na distância percorrida em nossa pesquisa de campo, da Praça da Estação até a Avenida Afonso Pena, dando enfoque na presença da língua estrangeira e na possível utilização do fato histórico, a vinda dos “turcos” para Belo Horizonte, no início do século XX, por comerciantes, no sentido de ressignificação da Rua dos Caetés, a antiga Rua dos Turcos, valorizando as mudanças e permanências da consolidação da rua como comércio de imigrantes na cidade. Identificar a presença de permanências do processo de imigração no que hoje entendemos como a identidade do belorizontino foi o nosso foco.

Tendo como referência a análise topomínica na Rua dos Caetés, percebemos como resultado parcial, por meio da pesquisa de campo, que visivelmente as permanências que envolvem a presença dos imigrantes estabelecidos na antiga rua dos turcos são quase nulas. Para identificarmos a cultura dos imigrantes que aqui se estabeleceram é necessária uma pesquisa minuciosa, focada no objetivo de encontrar a presença árabe na região, com alguns dados históricos já em mãos.

Um observador despercebido, o que constitui a maioria entre a média de 16 mil pessoas que passam diariamente na região, não tem muitas indicações da importância histórica e cultural que a Rua possui – exceto pelos prédios históricos que, entre outras edificações, abriga por volta de 700 estabelecimentos comerciais da Rua – dados extraídos da Revista Encontro (Rua..., 2015), acesso em 30/03/2018 – , porém que não

fazem referência à cultura do Oriente Médio, mas sim a um ecletismo neoclássico bem particular de Belo Horizonte.

Nossa pesquisa revelou mais rupturas, em relação ao tema proposto, do que permanências, o que nos fez indagar se o eurocentrismo seria uma causa dessa omissão da cultura árabe e judaica na região, ou se, talvez, a política de Vargas possa ter influenciado. E, já que os edifícios não foram nominados com base nos imigrantes “turcos”, quais os fatos históricos de média duração – na definição cunhada por Braudel – se fazem presentes nos “batismos” dos lugares da rua Caetés (praças, edifícios, lojas, monumentos)? Como se deu o processo da atribuição de nomes das lojas, praças, entre outros; como foram escolhidos, e o porquê desta escolha?

Há outras dúvidas, que fogem ao nosso objetivo dentro desta pesquisa, que pode ser considerada proveitosa, apesar de não trazer grandes novidades, mas que levanta um debate pertinente que envolve os valores atribuídos. Constatase, pelo que podem ser definidos como participantes do cotidiano da cidade, resquícios da memória dos povos imigrantes estabelecidos no Brasil.

REFERÊNCIAS

CALVO, Julia. Belo Horizonte das primeiras décadas do século XX: entre a cidade da imaginação à cidade das múltiplas realidades. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 14, n. 21, 2º sem. 2013.

CALVO, Julia; CARVALHO, Pedro Henrique da Silva. Sírios, libaneses e judeus – paradoxo entre o grupo e a nação: participação e restrição em Belo Horizonte nos anos 1930 e 1940. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 17, n. 26, p.198-220, mar. 2016.

CEDRO, Marcelo. **JK desperta BH**: a capital de Minas Gerais na trilha da modernização. São Paulo: Annablume, 2009.

LIMA, Emanoela Cristina. Nomes de possível origem africana na toponímia de minas gerais: pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa toponímica, **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v.15, n. 26, p.2075-2095, ago. 2011.

MOREIRA, Corina Maria Rodrigues. **Patrimônio cultural e revitalização urbana**: usos, apropriações e representações da Rua dos Caetés. 2008. 143f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

RUA dos Caetés: a vida comercial de BH começou aqui. **Revista Encontro**, Belo Horizonte, jul. 2015. Disponível em: <<https://www.revistaencontro.com.br/canal/atualidades/2015/07/rua-dos-caetes-a-vida-comercial-de-bh-comecou-aqui.html>>. Acesso em 30 mar. 2018.

RUA dos Caetés mantém atrás do balcão tradição dos imigrantes. **Jornal Estado de Minas**, Belo Horizonte, out. 2012. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/06/16/interna_gerais,300476/rua-dos-caetes-mantem-atras-do-balcao-tradicao-dos-imigrantes.shtml>. Acesso em 30 mar. 2018.